



MURALISMO COLETIVO, DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO DO CAMPO: COLORINDO IDENTIDADES

Ofelia Ortega Fraile

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Márcia Bittencourt

Universidade Federal do Pará

Mônica Castagna Molina

Universidade de Brasília

RESUMO

O trabalho apresenta reflexões teórico-metodológicas sobre o processo de criação coletiva do mural “Identidade Kalunga, educação do campo e direitos humanos”, realizado no componente curricular Educação do Campo e Direitos Humanos do curso de Licenciatura em Educação do Campo no campus de Planaltina da Universidade de Brasília. A ação está inserida no contexto de pesquisa sobre a metodologia das oficinas-murais do projeto de muralismo coletivo e identitário Colorindo Identidades. Este trabalho expõe resultados parciais de análises sobre o processo de arte-educação e construção de identidades coletivas no contexto da Educação do Campo a partir das categorias elencadas por Martí (2022), nas análises do Muralismo Zapatista e, com a Abordagem Triangular de Barbosa (1991), para os processos de ensino de arte. Finalmente, apontam-se possibilidades para futuras pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE

Muralismo coletivo. Educação do Campo. Direitos Humanos. Identidades. Território

1. Introdução

Este trabalho apresenta reflexões teórico-metodológicas sobre o processo de criação coletiva no projeto de muralismo Colorindo Identidades com foco na metodologia da oficina-mural realizada com os estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da Universidade de Brasília (UnB), como parte do componente curricular Direitos Humanos e Educação do Campo. O contexto da pesquisa ocorre durante o período de licença para capacitação da mediadora-pesquisadora da oficina mural em parceria com as supervisoras da Universidade Federal do Pará (UFPA) e da UnB, coautoras do trabalho.

O projeto Colorindo Identidades está vinculado desde 2022 à Extensão e Cultura da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e conta com a participação de estudantes bolsistas e voluntários do curso de Licenciatura em Educação do Campo. O projeto tem como base a participação de educadores, gestores e moradores durante as etapas de produção, criação e pintura dos murais, ganhando, desse modo, o caráter de muralismo coletivo, o que provoca vínculos de pertencimento com o trabalho (CASTELLANOS, 2017). Foram realizados 18 murais em municípios, comunidades tradicionais, quilombolas e indígenas do Vale do



Jequitinhonha, por meio da articulação com instituições públicas e sociocomunitárias. Em abril de 2024 foi realizado o mural coletivo “Identidade Kalunga, educação do campo e direitos humanos” dentro do componente curricular Educação do Campo e Direitos Humanos da LEDOC da UnB, localizado no refeitório do campus de Planaltina, o qual será objeto de reflexões teórico-metodológicas.

2. Educação do Campo e Direitos Humanos

A Educação do Campo aborda a formação de educadores do campo na sua diversidade territorial e identitária, como consequência da disputa de projetos societários em relação a ocupação da terra, reprodução material da vida, identidades culturais, relações de trabalho e relações humanas. Segundo Molina (2017) “As LEdoCs são planejadas considerando-se a luta de classes no campo brasileiro e colocando-se como parte e ao lado do polo do trabalho, assumindo e defendendo a educação como um direito e um bem público e social”.

O projeto de campo, como território camponês em disputa, que envolve a educação do campo responde ao agronegócio e também ao modelo capitalista, racista e patriarcal global. Tendo em vista essa perspectiva, o projeto visa a emancipação social através da superação das contradições, realizando um processo de educação crítica e humanizadora. A Educação do Campo materializa seu projeto na articulação e efetivação do direito à educação por meio do trabalho coletivo; da agroecologia, da soberania alimentar, do diálogo entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais, e também no reconhecimento dos territórios, dos sujeitos e das suas identidades. Por isso, a luta pelo direito à educação, opera também na direção da ocupação das instituições de conhecimento, refletida no grito político dos educandos “Ocupemos o latifúndio do saber” (ARROYO, 2014). Em síntese, os principais direitos humanos relacionados com a educação do campo são o direito à educação, à liberdade, à vida, ao trabalho, à cultura e, sobretudo, derivados deles, surge o direito dos povos à demarcação territorial e a compreensão e autoidentificação dos povos do campo como sujeitos de direitos.

3. Muralismos, Territórios, Identidades e Emancipação

A arte mural atual tem dois contextos culturais e históricos de produção, por um lado o Muralismo Mexicano de princípios do século XX, inspirado na revolução mexicana, na identidade nacional e na luta social de classes, e, por outro lado, a arte urbana global de caráter social contestatório que começa na década de 1970 com o *graffiti* que ocupa as ruas de forma ilegal (PALESTINA, 2022).

Para este trabalho nos interessa, especialmente, o contexto mexicano por contar com dois movimentos de “muralismo identitário”, que tomam como referência a identidade cultural, a cultura e as tradições (MORALES, 2023): o Muralismo Mexicano pós-revolução e o Muralismo Zapatista. O primeiro teve um protagonismo histórico na construção do discurso imaginário revolucionário oficial em espaços urbanos e institucionais entre as décadas de 1920-1970. A vanguarda do muralismo mexicano foi protagonizada por artistas, dentre os quais, destacam-se os chamados Três



Grandes: Diego de Rivera, José Clemente Orozco e David Alfaro Siqueiros (MORALES, 2023). Já o Muralismo Zapatista, teve início com o levantamento de camponeses e indígenas para a ocupação de terras em 1994 e criou uma iconografia ativista do movimento nos territórios ocupados autônomos em espaços rurais (MARTÍ, 2022).

Martí (2022) discorre sobre a importância dos murais zapatistas para a construção de identidade “de”, “entre” e “para” as comunidades zapatistas e para os ativistas do movimento nacional e internacional. Os murais têm três funções políticas fundamentais:

1. Delimitar o espaço zapatista, importante numa extensão de território descontínua e em tensão;
2. Gerar aprendizagem comunitária e debate dos elementos identitários do “ser” zapatista, uma vez que no muralismo aparecem narrativas visuais sobre a história do movimento e sobre ações cotidianas da vida nas comunidades: como ir à escola, cuidar da roça e da saúde e também pela função de visibilizar as memórias;
3. Desafiar as autoridades e adversários através das marcas do território em disputa, com o uso das línguas indígenas não oficiais, mensagens de propaganda, desobediência à censura e com o “anúncio de um projeto político alternativo no território” (MARTÍ, 2022).

As oficinas-murais se organizam em seis momentos:

- a) apresentação do projeto, da equipe do projeto e dos participantes;
- b) introdução ao muralismo e a arte urbana no contexto local, regional, nacional e global;
- c) levantamento dialógico e gráfico de questões identitárias, culturais e memórias do ambiente local;
- d) síntese imagética e lay-out;
- e) realização do mural em diálogo com o coletivo e a realidade.

Na oficina-mural analisada, a etapa de introdução ao muralismo e arte urbana foi substituída pela apresentação de experiências no Brasil sobre processos de criação artísticas realizados a partir da Dialogicidade Freireana.

Posteriormente, os educandos realizaram desenhos individuais e apresentaram para o grupo. Em seguida a arte-educadora agrupou e classificou os desenhos por temáticas com simbologias: a) mãos, luta e coletividade; b) escola do campo e quilombola (ver Imagem 1); c) natureza e diversidade; d) território quilombola como espaço vivido e conhecimentos ancestrais; e) sujeitos, mulheres calungas, direitos humanos, práticas culturais de cuidado (ver Imagem 1); f) religiosidade e cultura; g)



arroz; h) símbolos iconográficos da educação do campo: livro com plantas, girassol, enxada, ônibus escolar; i) outros.



Imagem 1. Desenhos agrupados da Oficina-mural da LEdoC, categorias (e) sujeitos, mulheres calungas, direitos humanos, práticas culturais de cuidado (esquerda) e (b) escola do campo quilombola (direita). 2024. Fotografia: acervo próprio. 2024

A síntese visual resultou no layout que buscou sintetizar imagetivamente os elementos mais comuns, as narrativas, os símbolos e as marcas gráficas e estéticas do coletivo. O rascunho foi construído a partir de releituras de alguns desenhos e também com cópias de elementos. Durante todo o processo de pintura do mural foram tomadas decisões de forma coletiva sobre as cores a serem usadas e sobre adaptações do layout a partir da leitura dinâmica e dialogada da obra de arte em construção. Para finalizar, o mural foi assinado com um nome coletivo, como pode ser observado na parte inferior esquerda da imagem 2.



Imagem 2. Mural coletivo da LEdoC “Identidade Kalunga, educação do campo e direitos humanos”, realizado pela turma da LEdoC na parte externa do refeitório do campus de Planaltina da UnB (Brasília). 2024. 5,85 m X 2,90 m. Fotografia: acervo próprio.



Analizamos as três funções políticas fundamentais do Muralismo Zapatista elencadas por Martí (2022) no contexto da Educação do Campo. Em primeiro lugar a pintura do mural na fachada do refeitório do campus “delimitou o espaço” simbolicamente ocupado, ampliando a ocupação visual do território da educação do campo no campus de Planaltina. O mural trouxe a identidade quilombola protagonizada por mulheres, o que condiz com o perfil da turma, com maioria de mulheres quilombolas. É possível afirmar que houve uma ocupação simbólica no “latifúndio do saber”. Em segundo lugar, o mural proporcionou uma “aprendizagem comunitária e um debate identitário” do “ser” quilombola-educador do campo, pois apareceram ações cotidianas, elementos do cuidado e da cultura quilombola e da educação do campo no mural. E em terceiro lugar, houve um anúncio do projeto de sociedade da educação do campo, com a escola do campo de janelas abertas e em harmonia com conhecimentos tradicionais, com práticas agroecológicas marcadas pelo milho vermelho crioulo, com a soberania alimentar representada pela mulher rodeada de alimentos e pelas plantas medicinais.

A partir do repertório de elementos desenhados e pintados, analisamos que no imaginário coletivo de estudantes quilombolas da LEdoC aparecem elementos iconográficos do projeto contra-hegemônico da Educação do Campo, como o girassol que nasce dos livros e a enxada associada à luta por uma educação do campo.

4. Considerações Finais.

O processo de criação coletiva do mural “Identidade Kalunga, educação do campo e direitos humanos” sob um olhar da Abordagem Triangular para o ensino de arte (BARBOSA, 1991) reflete em um processo em zigue-zague de *fazer arte*, *contextualizar a arte* e *fazer leituras* e releituras da arte, porém, a diferença desta proposta e a proposta da Ana Mae Barbosa (1991), é que essa foca em obras de arte já produzidas que fazem parte de acervos de coleções e museus, já no nosso caso, a contextualização, as leitura e as releituras são feitas com a obra que está sendo produzida, o mural. A abordagem triangular, nos desafia a não relegar um tempo-espço formativo para a leitura e contextualização da arte pública, urbana, do muralismo mexicano oficial e do zapatista, uma vez que esse último tem elementos constitutivos provocadores para as análises de murais da Educação do Campo.

No processo da oficina mural houve uma apropriação dos meios de produção cultural para a representação das múltiplas identidades dos sujeitos do campo, das águas e das florestas, das memórias sócio-ambientais e do patrimônio cultural imaterial e material. Nesse processo ocorreu o diálogo com as referências estéticas dos sujeitos e da arte urbana, numa perspectiva dialética entre a tradição e a contemporaneidade,



entre a cultura erudita e a popular que procurou evitar o risco de engessamento da romantização do passado sem encarar as contradições das lutas da atualidade (VILLAS BÔAS, 2017). A partir das análises foram comparados os elementos do muralismo zapatista de Martí (2022) e destacamos a potencialidade de “anúncio” do projeto da Educação do Campo e Quilombola na práxis o que poderá ser melhor explorado sob categorias freireanas.

Referências

ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CASTELLANOS, Polo. (2017). Muralismo y resistencia en el espacio urbano. In: **Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales**. Núm. 1. Vol. 7. pp. 145-153, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6196113> Acesso em: 27 março 2024

MARTÍ I PUIG, Salvador. (2022). El muralismo zapatista: Una revuelta estética. In: **Latin American Research Review**. Núm. 57. Spain: Universidad de Girona. pp. 19-41. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/360947660_El_muralismo_zapatista_Una_revuelta_estetica. Acesso em: 10 abril 2024

MOLINA, Mônica Castagna. Contribuições das Licenciaturas em Educação do Campo para as Políticas de Formação de Educadores. In: **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, nº. 140, p.587-609, jul.-set., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/57t84SXdXkYfrCqhP6ZPNfh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 maio 2024.

MORALES VARGAS, Maria de Lourdes. Muralismo urbano en ciudades y pueblos de Chiapas. Hacia la configuración de procesos artísticos y experiencias colectivas. In: **Decumanus. Revista Interdisciplinaria sobre estudios urbanos**. Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, México, v. 10, nº 10, nov 2022 - abril 2023. Disponível em: <https://erevistas.uacj.mx/ojs/index.php/decumanus/article/view/5600>. Acesso em: 10 de abril 2024.

ORTEGA FRAILE, Ofelia, Colorindo Identidades. Projeto submetido para o Edital Procarte-UFVJM. 2023.

PALESTINA, Oscar Molina. Extramuros: del Muralismo al Arte Urbano. Un acercamiento preliminar. In: **Arte Mural e Urbana: Trajetórias Históricas e Migrações Transculturais**. ANDRADE, Rubens de e PALESTINA, Oscar Molina (Orgs.). Rio de Janeiro: Paissagens Híbridas, 2022.

VILLAS BÔAS, Rafael Lithin. Posfácio. In: **Práticas artísticas na educação do campo**. CARVALHO, Cristiane Adriana da Silva e MARTINS, Aracy Alves. (Orgs.) Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

